

# d'Orey

## GAZETA



### Notas da Redacção

#### Necessitamos da ajuda da família!

Existem ainda muitos documentos, cartas e fotografias na posse de diversos familiares, documentos esses que têm uma importância muito grande. Aliás muito maior do que aquilo que à primeira vista possam pensar. Cada pedacinho de papel, cada informação poderá fornecer mais uma pista para completar a História, o que aliás já tem acontecido. A história da nossa família já é muito rica e quanto mais completa estiver mais interessante se torna.

Pedimos assim a todos, que nos informem de qualquer "peça" que tenham referente aos fundadores e à primeira geração. Vejam tudo, abram cada pastinha, revirem cada caixote, cada envelope ou recorte, cada moldura esquecida. **Tudo!**

Podemos garantir que o vosso esforço e empenho será compensado com o resultado final de toda esta investigação.

**MUITO IMPORTANTE:** Não é necessário que aquilo que tiverem para mostrar saia do lugar. Fotografaremos no local e também copiaremos no local qualquer documento ou fotografia.

Ao entrar na "Maison Sans Soucis" pela mão dos *Anais da Família Dabney* sou levada a recordar Proust na sua obra «À la recherche du temps perdu». Tínhamos prometido, nesta Gazeta, continuar a espreitar a vida dos fundadores da nossa família, no Faial, mas não há espaço. Apenas podemos, desta vez, contar dois episódios, na página seguinte.



*Maison Sans Soucis, Horta, Ilha do Faial, Açores*



Pormenor do passeio da Rua de S.Paulo e da Rua de S. João, na Horta

Redacção: **Tim-Tim** (laranja) email: [timmil@hotmail.com](mailto:timmtim_milu@hotmail.com) **Nico** (verde) email: [anamaria@orexorex.net](mailto:anamaria@orexorex.net)  
Morada: **Rua Afonso de Albuquerque, 14 2780 - 307 Santo Amaro de Oeiras** Fax: 214 213 156 [www.dorey.pt](http://www.dorey.pt)  
Distribuição: **Luisa Loureiro** (laranja) email: [lloureiro@mdados.pt](mailto:lloureiro@mdados.pt) Paginação e tratamento de imagem: **Bruno d'Orey Slewinski** (verde)  
A **Gazeta d'Orey** é uma publicação periódica, de distribuição gratuita, com carácter familiar, sem qualquer intuito comercial. Tem como objectivo, apenas, a comunicação no seio da família d'Orey.

## MAIS UM POUCO DAS MINHAS PESQUISAS...

por Bruno d'Orey Slewinski (verde)

Em 1866, a família d'Orey deixa o Faial. Deixam a casa na qual viveram durante 14 anos, casa essa que pertencia a Charles Dabney. Embarcam no dia 24 de Setembro, mas não sabemos se efectivamente partiram nesse dia. Sabemos sim que a viagem de vapor para Lisboa, na época, durava cerca de 4 dias. Ou seja entre o final de Setembro e o início de Outubro chegaram ao continente.

Sabemos que ao chegarem foram para a Quinta da Várzea, em Leiria, para junto de

D. Ana Mascarenhas de Athayde, mãe de Luiza Mousinho de Albuquerque d'Orey. Esta quinta e respectivo casario ainda hoje existe, propriedade da Diocese de Leiria-Fátima, a qual

visitamos e que se encontra, infelizmente num estado avançado de degradação. A quinta foi vendida à diocese em 1969 pela família Sárrea d'Orey. Mas voltando à história, ainda em Outubro de 1866, Achilles d'Orey parte para a sua Prússia natal para visitar a sua Mãe, entre outras coisas.

A família quando volta para Lisboa, e segundo relato de Ruy de Albuquerque d'Orey, vão viver para a Rua do Cabo, nº35, sem conseguirmos precisar, até agora, a partir de quando.

Conseguimos é saber que quando Guilherme nasce em 1868, a família lá está a viver.

O ano de 1869 revela-nos outra morada, a da Quinta do Pinheiro, conforme referência na carta de Achilles d'Orey para o Consul Dabney. Esta Quinta do Pinheiro encontrava-se na margem sul do Tejo, na zona da Caparica, uma das muitas quintas da Zona. Mas esta quinta seria apenas uma segunda morada, casa de férias ou outra, já que o Conde do Lavradio envia uma carta para Achilles d'Orey, datada de 11 de Maio, para a Rua do Cabo.

Chegamos ao ano de 1870, com o nascimento de Maria, a 14 de Outubro. Nesta altura a família d'Orey já mora na Rua de S. Bernardo, nº126, conforme relatos dos Dabney que os visitam no início de Novembro (relato mais pormenorizado mais a diante), tal como o registo de baptismo de Maria de 17 de Novembro. Infelizmente, Maria morre a 15 de Maio, conforme referimos na Gazeta anterior.

Estamos no ano de 1872. Nasce José Diogo a 26 de Março, na casa da Rua de Entremuros, nº109, conforme o seu registo de baptismo de 11 de Abril. Mas a tragédia abate-se 7 dias depois, quando Achilles d'Orey não resiste à sua grave doença. No seu registo de óbito é referido a

morada da Rua de Entremuros, nº109 1º andar.

Para o ano de 1873 temos apenas a referência para outra quinta na zona da caparica. Esta outra denominada por Quinta da Várzea. Também esta, tal como a de Leiria, ainda existe, mas apenas resta o casario em estado de semi-abandono. Esta quinta, na altura, é referenciada como uma quinta grande e importante. Conseguimos visitá-la graças à disponibilidade de Vasco e Bedina Cabral (amarelo e laranja), simplesmente fantásticos na partilha dos seus conhecimentos. Só bastante mais tarde, em 1887, nos aparecem novas referências de outras moradas da família. Descobrimos uma escriptura de um contracto de arrendamento para uma escola central, em nome de Luiza Mousinho de Albuquerque d'Orey, para a casa da Rua do Sacramento à Lapa, nº16, casa esta, poucos anos mais tarde propriedade do seu filho Ruy e bastantes anos depois de Vasco, filho deste. Nesta escriptura é referenciado que a sua morada é na Rua das Amoreiras, nº256. Refira-se que a parte da Rua das Amoreiras onde existiria o nº 256 também já não existe.

A última morada da fundadora da nossa família, já viúva, foi na Rua Tomás da Anunciação, nº123, em Campo de Ourique, onde morreu. Esta casa ainda hoje pertence aos primos d'Orey Quintellas. Entretanto mais se irá descobrir e confirmar....

## DOS ANAÍAS DA FAMÍLIA DABNEY por Ana Maria Garcez d'Orey Slewinski (verde)

Em 1855 numa festa de Natal em casa dos Dabneys num jogo de quadras que se chamava o "Vidente Cego" o casal d' Orey foi mimosiado com as seguintes quadras (são traduções do original em inglês):

".....Sr. d'Orey  
Paris orgulha-se da sua Maison Dorée,  
O mais belo palácio que já edificou  
Mas a nossa maison d' Orey ainda ontem  
Teve uma árvore de Natal mais esplendidamente dourada

Senhora Albuquerque  
Senhora que veste de uma terra estranha  
Para encontrar um lar nas praias desta ilha,  
Onde quer que passeies ou deambuleis, ficai certa,  
De que encontrareis corações mais bondosos e fieis

Em Março de 1856 chegou ao Faial um navio francês vindo da china com vários prisioneiros russos, o consul da Rússia trouxe alguns deles para verem o Jardim. O nosso bisavô ao estar a passear com o Sr. Dabney, encontrou-os e tomando-os por franceses, saudou-os por terem regressados "cobertos de glória"!!! Evidentemente que este engano divertiu imenso a sociedade local.



Jardim da Praça da República, na Horta Fotografia: Ana Maria d'Orey Slewinski



Quinta da Várzea, Fachada, hoje em dia Fotografia: Bruno d'Orey Slewinski



Quinta da Várzea, varanda nas traseiras Fotografia: Bruno d'Orey Slewinski



## BANCO DE INFORMAÇÃO DE PAIS PARA PAIS

por Joana Santiago (amarelo)

### PORQUE NASCE O BIPP

Nunca se está preparado para ter um filho com necessidades especiais originadas por uma deficiência. Apesar do choque inicial, os pais têm de encontrar as soluções certas para uma questão que, definitivamente, alterou a rotina da sua vida familiar. Este é o cenário de milhares de famílias com necessidades especiais, em Portugal. O BIPP - Banco de Informação de Pais para Pais -, nasce em 2005, por iniciativa de um grupo de pais de crianças com necessidades especiais, para mudar este panorama doloroso e orientar outros pais que se encontram na mesma situação.



### O QUE É O BIPP

O BIPP é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) de natureza associativa, que surge da necessidade de recolher, organizar e partilhar toda a informação e meios que o Estado e a Sociedade disponibilizam, para as pessoas com deficiência, orientando-as no seu percurso independentemente do seu tipo, grau, sexo, religião, raça ou extracto social.

### ACTUAÇÃO DO BIPP

O BIPP destina-se não só aos deficientes e suas famílias como também a instituições e profissionais de saúde, a instituições e profissionais de educação, a outras associações, e a empresas que desenvolvem estratégias de responsabilidade social.

O banco de informação do BIPP que estará organizado, actualizado e completo, será disponibilizado de duas formas:

**BIPP Online** - um portal que permitirá troca de informação sobre as diversas áreas de actuação: saúde, educação, jurídica, apoios e integração no trabalho;

**Centro BIPP** - um centro de atendimento personalizado para todos os utentes.

Haverá ainda reuniões de Grupos de Pais, Apoio Documental, e Apoio Técnico Especializado por um Observatório e uma Comissão Científica.

Olá a todos!

O BIPP, Banco de Informação de Pais para Pais, Instituição Particular de Solidariedade Social que tem como objectivo, apoiar e orientar pais e famílias de crianças e adultos com necessidades especiais, na procura das respostas aos seus problemas a nível de Saúde, Educação, Apoios, Área Jurídica entre outros, permitindo a sua Integração na Sociedade, vai realizar uma **Venda de Natal** cujas receitas reverterão a favor desta Instituição.

Vimos assim pedir a vossa colaboração oferecendo-nos algumas coisas que tenham em casa (artigos de decoração, livros, brinquedos, dvd's, jogos, etc.) novos ou em muito bom estado, e que já não precisem, para que possamos realizar esta venda.

Só precisam de reunir o que tem e enviarem um mail para que seja feita a recolha do material, até ao dia **21 de Outubro**.

Podem começar a enviar!

O vosso contributo é precioso para nós.

e-mails:

[bancobipp@gmail.com](mailto:bancobipp@gmail.com)

[joanaoreysantiago@gmail.com](mailto:joanaoreysantiago@gmail.com)

[tatao.bipp@gmail.com](mailto:tatao.bipp@gmail.com)

telefones: 962 390 448 - 916 024 144

Muito obrigada,

Joana Santiago, Presidente

### COLABORE COM O BIPP

Conta BIPP - Banco Santander Totta

NIB - 0018 0003 1472 3787 0202 0

Sede Social: Rua Almeida Brandão, 19 1200-602 Lisboa

Email: [bancobipp@gmail.com](mailto:bancobipp@gmail.com)

Tels: 96 239 04 48 - 91 994 42 50 - 91 602 41 44



## 80 Anos da MARIA DO CARMO TELLES DA GAMA

por Ana Maria Garcez d'Orey Slewinski (verde)

A Maria do Carmo fez 80 anos! Imponente! A sua mana Luisa ofereceu um simpatiquíssimo e óptimo almoço para comemorar esse "frondoso" dia 3 de Junho de 1927! O ambiente não podia senão respirar a "santidade", não fossem os anos da Maria do Carmo! As mesas foram marcadas com os Santos, julgo que da preferência da Maria do Carmo - S. Francisco de Assis, Santo António Rainha Santa Isabel, S. Francisco Xavier, S. Pedro e S. Paulo. Como Mãe aqui vão as palavras do seu filho Paulinho: "Mãe...só há uma, mas como a minha? Nenhuma... Se as outras Mães soubessem, se elas a conhecessem, comigo concordariam e também elas o diriam. Mães dos seus filhos todas são, mas deixar que o coração adopte filhos por aí, sinceramente nunca vi. E à minha Mãe é vê-la no seu carinho como quem nada mais tem para dar senão a lição de como Amar. Amar sem segunda intenção sem esperar recompensa ou reacção amar com um abraço, um gesto ou um sorriso amar os outros com tudo o que é preciso e quando na vida nada faz sentido quando tudo parece algo perdido é neste Amor que se consegue encontrar a razão deste forte caminhar. Por isso às outras Mães peço perdão mas não chegam aos pés deste coração da Mãe que é minha, bem sei, mas mais além é de tantos outros Mãe também por isso com orgulho posso dizer certo que em nada vos vou surpreender Mãe...só há uma, mas como a minha? Nenhuma...."



## UM PROFESSOR APAIXONADO

por Bernardo d'Orey Salgado

No passado dia 28 de Julho a doce Nico fez-me uma proposta - escrever um artigo para a Gazeta dos D'Orey. Sabendo perfeitamente do meu natural desinteresse pelos assuntos referentes às famílias alargadas, imediatamente afirmou que não pedia um artigo sobre a minha pessoa, propriamente dita, mas sobre a minha experiência enquanto professor de História. Mais concretamente enquanto professor de História deslocado por amor à profissão. Sendo o pedido feito por uma pessoa que tanto estimo, imediatamente respondi, para seu grande espanto, que o faria com muito gosto.

Sem termos definido número de linhas nem os parâmetros específicos do artigo, fiquei apenas com este vago tema nas mãos - a experiência de um professor de História deslocado por amor à profissão. Tratando-se de um assunto relativamente íntimo e envolto em diversos sentimentos, impõe-se começar com aquilo que é mais objectivo: os factos.

Desde muito novo tive sempre uma estima especial pelas cousas da História, bem como pela possibilidade de exercer uma profissão na área da docência. Após períodos de indecisão, pois já nessa altura as perspectivas profissionais nesta área não eram nada abonatórias, decidi lutar contra ventos e marés e ingressei no curso de História da Universidade Nova de Lisboa. Ao contrário de muitos dos meus colegas, que sonhavam ingressar numa carreira universitária de investigação, eu estava já certo do meu futuro: ser professor de História do Ensino Básico e Secundário e assim poder partilhar com milhares uma paixão pelo conhecimento e, concretamente, pelo conhecimento do passado.

Depois do curso concluído e após a experiência de estágio na Escola Secundária Rainha D. Leonor, fiquei desempregado a aguardar uma eventual colocação num horário de substituição. Nesses tão longos meses de Setembro e Outubro a desilusão facilmente tomou conta de mim. Por diversas vezes pensei por que razão tinha eu optado por esta profissão, por que não tinha eu seguido o badalado curso de Direito tão mais seguro, por que não tinha dado ouvidos a experientes na área que me tinham vivamente desaconselhado seguir esta via e me tinham alertado para o mais certo futuro de desemprego. Ao mesmo tempo pensava "se sempre foi isto que eu quis fazer, há que ter esperança". Em Outubro de 1999 recebi um telefonema da CAE do Baixo Alentejo a propor-me um horário para um mês em Almodôvar. "Almodôvar?!? Mas eu nem sei onde é que isso fica..." Ao telefone explicaram-me onde ficava, acrescentando que, caso não aceitasse o horário, eu iria para o fim da lista e tal significaria ficar desempregado para o resto do ano, se não mesmo para o resto da vida. A decisão não foi fácil, ainda para mais sabendo que provavelmente era apenas trabalho para um mês e que teria que decidir naquele momento se sim, se não. O coração começou a bater mais depressa mas, mais uma vez de forma imediata, disse que sim. Sim, aceitava o horário, sim, afastava-me da minha família toda, namorada e amigos, sim, iria para os confins do Alentejo, sim iria ser PROFESSOR de HISTÓRIA (nem que fosse por um mês! Pim!).

O mês foi passando e tornou-se num ano. O gosto pela profissão solidificou-se. As saudades de Lisboa e do meu mundo também. No final do ano lectivo (em fins de Junho) disse mais um sim (daqueles definitivos!) e casei-me. Embarquei em mais uma aventura - estar casado, com o risco de no próximo ano lectivo estar ou desempregado ou a mais de 300 km de casa. Após uma prolongada lua-de-mel (que acumulou os tradicionais quinze dias com o mês de férias e novo desemprego), no dia de anos da minha mulher (a 10 de Outubro), recebi um telefonema para me apresentar no próprio dia na escola de Sines. Mais uma vez a excitação de voltar a exercer a profissão por mim escolhida foi mais forte do que tudo, tendo feito inclusive esquecer-me desse dia tão especial. Só depois de ter dito que iria naquele momento fazer malas para mais um ano, me lembrei da data... Telefonei novamente e pedi para me apresentar no dia seguinte, e podendo assim gerir tão complicada situação com um pouco mais de calma.

No ano seguinte fiquei colocado em Ourique (mais uma ano de dolorosa separação) e finalmente em 2002 fui colocado em Lisboa, para em 2004 ser recambiado para Lagos, no Algarve. Actualmente continuo como professor contratado (ou seja, sempre em risco de ficar desempregado) mas já só concorro para Lisboa (onde trabalho actualmente). Foram seis anos muito difíceis, em que tive que escolher entre dedicar-me aos meus (mulher, amigos e família) e o exercício de um profissão que adoro. Passei pela necessidade de "desistir" temporariamente da profissão para poder viver na minha casa. Fi-lo durante seis meses no ano passado, mas depois as saudades de estar numa sala de aula com os alunos, de estabelecer com eles relações únicas, de deliciar-me com as suas caras fascinadas por estar a aprender algo de novo ou simplesmente por perceberem que afinal algo que parecia tão difícil é-lhes agora tão acessível, foram mais fortes e voltei (de vez) à profissão docente.

Ser professor para mim é sobretudo ter uma grande capacidade de partilhar, de compreender e saber estar com os outros. É algo que passa muito para além do explicável. É uma verdadeira paixão.

Por fim, resta-me referir que se hoje exerço a profissão com que sempre sonhei o devo ao apoio que sempre tive por parte de algumas pessoas muito especiais: alguns amigos, ao meu avô Guilherme, aos meus pais e sobretudo à pessoa que amo mais do que tudo - a minha incondicional companheira com quem partilho todos os meus anseios, indecisões, devaneios e paixões. A todos eles um grandessíssimo obrigado.

A Gazeta d'Orey sabe que o PROFESSOR, quando decidiu vir para Lisboa para um trabalho interessante, mas que não era leccionar, teve a tarefa difícil de INFORMAR OS ALUNOS!

Então, na última sexta-feira, numa das três turmas que tinha, no fim da aula, lá informou os alunos da sua difícil decisão. A reacção foi o mais emotiva possível. Lágrimas! Na segunda turma novamente uma reacção bastante emotiva. Na terceira a mesma dose com mais lágrimas! O PROFESSOR lá foi arrumar as suas coisas na Sala dos Professores. Quando saiu para vir para Lisboa, tinha os alunos todos no corredor que não deixaram de bater palmas, à sua passagem, até ele desaparecer. Foi para o carro e...chorou, lamentando muito não ter a sua família por perto, como única consolação!

Percebemos muito bem a reacção dos alunos deste PROFESSOR!

## UMA ARTISTA PLÁSTICA...

por Patrícia d'Orey (verde)

Sou pintora, e como sabem, o trabalho dos artistas plásticos passa muito pela divulgação, o que me deixaria muito contente poder dividir com o resto da família as actualizações nos trabalhos, exposições, etc! Esteve patente, até dia 12 de Maio, na Biblioteca Municipal de Sintra uma exposição minha e da Rita Fernandes intitulada "INTIMIDADES".

De qualquer forma deixo uma notinha na gazeta, têm o meu site, em que podem ver mais detalhadamente meu trabalho:



[www.patriciadorey.blogspot.com](http://www.patriciadorey.blogspot.com)



## AMOR FAMILIAR. Paris, 22 Março, 2007

por Teresa d'Orey Santiago (amarelo)

Queridos Marina e filhos, querida Tia Elvirita, queridos Tios e Primos, não vos conheço “muito” mas primos são primos... (a Tia Cecília explica-vos quem sou e onde estou).

Desde um primeiro momento que, graças à fraternidade da nossa família, pude acompanhar-vos no vosso sofrimento pelo Zê Luis. A Tia Cecília, a minha Mãe (Gaibéu...), a Binha, a Tia Lélinha e a Maria Manoel nunca se esqueceram de mim e deram-se sempre notícias. Posso-vos dizer que os meus irmãos e a minha Mãe vos acompanharam e sofreram discretamente ao longo destes meses...

Foi assim que pude rezar e esperar ... sem ter respostas “fáceis e simplistas” para o vosso sofrimento.

Agora todos sabemos que o Zê Luis está há muito tempo em paz; para quem acredita em Deus ( e nestes momentos a fé não é fácil...), o Zê Luis está há muito tempo nos braços de Deus... Valha-nos esta esperança... tão frágil e pobre como a nossa fé e como o nosso Deus, Jesus Cristo.

Será uma heresia dizer que quem vê a nossa fé, vê Deus? ... A coisa mais profunda que sou capaz de dizer neste momento é que este sofrimento tão cruel “põe” e “arranca” de mim um grito e uma pergunta: “Meu Deus, porque é que és tão frágil e pobre?”

Onde está o poder do Deus Todo-Poderoso que dizemos ser o nosso Deus? Onde está o poder do Deus Todo-Poderoso que poderia ter evitado todo este sofrimento?

Sim, queridos primos, o sofrimento revolta-me ... e por estranho que pareça, é nestes momentos que sinto com mais força que sou profundamente crente e cristã. Um mistério para mim porque não quero, não sei nem consigo fazer uma apologia do sofrimento como caminho para Deus. O meu Deus é pobre e frágil e não tenho vergonha nenhuma de dizer que a minha fé é pobre e frágil... Para mim ser “pobre e frágil” é a única maneira de me sentir cristã... e humana. Desculpem o discurso, mas é sentido. Quero dizer-vos obrigada porque com a vossa “nobreza” de carácter e com a vossa dignidade nestes momentos, eu aprendo o que é o amor e a coragem da vida. Se os d'Oreys (e não só os d'Oreys) têm algo de “nobre” é a nobreza de espírito... na pobreza e na fragilidade.

Não ataquem Deus porque Ele é pobre e frágil. Será que nos sentiríamos perto e consolados por um Deus Todo-Poderoso e milagreiro? Deus não explica o sofrimento simplesmente porque nenhuma explicação nos tiraria do sofrimento ... Ele escolheu outro caminho, o de estar no sofrimento connosco... pobre e frágil como nós... até ao fim. Um Deus assim “tem licença” e sabe estar connosco nestes momentos...

A vossa vida e o vosso testemunho são um “hino” à força de Deus, a força de “estar com”, a força de ser profundamente humano e divino, pobre e frágil no amor ... mas tão verdadeiro!

Um grande beijinho amigo de quem reza ...

## NOVO LIVRO “FIM D'ÉPOCA”

por Lourenço Pereira Coutinho (castanho)

Lourenço Pereira Coutinho (castanho) nasceu em Lisboa a 11 de Janeiro de 1973. É licenciado em História e tem formação complementar nas áreas de marketing e de gestão. Encontra-se a preparar o seu projecto de candidatura a doutoramento em História Política e Institucional.

Trabalhou no Protocolo da Expo' 98, foi Técnico Superior do ICEP e Assessor da Ministra da Educação do XVI Governo Constitucional.

Actualmente, dedica-se à coordenação de projectos editoriais e voltou a centrar a sua actividade no campo da História, essencialmente como autor e

investigador.

Entre a sua obra conta-se o ensaio *Do Último à República - Política e Diplomacia nas últimas décadas da Monarquia* (2003), e *Na Sombra de João XXI* (2006), um romance histórico cuja acção se desenrola num só espaço e em dois tempos, Lisboa nos séculos XIII, em plena euforia intelectual da baixa Idade Média, e XVI, nos inícios da Contra Reforma.



### Nota sobre o livro Fim d'Época:

O romance histórico *Fim d'Época* marca o regresso do autor a uma das épocas que mais tem investigado e aprofundado. O Portugal do início do século XX, os agitados últimos anos da Monarquia, culminando no assassinato do rei D. Carlos. É neste tumultuoso contexto histórico, num Portugal dominado pelo caciquismo, que vamos encontrar os dois protagonistas, Miguel Telles de Almeida e José, cada um lutando no lado oposto da barricada, mas unidos por um destino trágico e cruel.

Fiel à sua interpretação dos factos políticos e sociais da época, Lourenço Pereira Coutinho soube enredar com mestria a aventura das personagens ficcionadas com outras, emprestadas da realidade, como o incontornável rei D. Carlos e o seu ministro João Franco, José Luciano de Castro, José Maria de Alpoim, Hintze Ribeiro, Luz de Almeida, França Borges e tantos outros.



## A CASA DOS RAPAZES

por M<sup>a</sup> Benedita e Rui d'Orey Soares Franco (amarelo e laranja)



Quando em 1992 a nossa filha Inês, então com 18 anos e inserida nas Equipas de Jovens de Nossa Senhora (EJNS), me chegou a casa e me disse que, através da Acção Social das EJNS, estava a trabalhar como voluntária na Casa dos Rapazes (CR) e que tinham imensas carências: passavam fome, não tinham água quente para tomar banho, eram mal vistos nos Bairros de Alfama e Graça (localiza-se na fronteira destes dois bairros) porque roubavam para comer, não tinham assistência médica, etc., interrogámo-nos sobre o porquê de um problema destes nos entrar pela porta dentro pelas mãos de uma das nossas filhas. Isto inquietou-nos!

Tudo era mau e não se via saída para tal. A Casa dos Rapazes acolhia então 25 rapazes com idades entre os 6 anos e os 18 anos oriundos de famílias desestruturadas da área metropolitana de Lisboa.

Pedimos à Inês e ao seu amigo Duarte Goes que tentassem saber quais as necessidades pois poderíamos tentar obter algumas ajudas.

Estranhamente, o responsável fugia ao diálogo e a pouco e pouco começou a tentar afastar os jovens da instituição. Começamos então a investigar e a realidade nua e crua veio ao de cima. Era uma situação de tal forma grave que, em consciência, denunciámos a situação e surge um inquérito que a revela. A Segurança Social decide encerrar a instituição se, no prazo de um ano a situação não se alterar por completo. E é nesta altura que, em conjunto com a nossa filha e o Duarte Goês decidimos levar a questão à nossa equipa de casais das Equipas de Nossa Senhora.

Em Junho de 1996, após uma mobilização geral dos nossos amigos, concorremos às eleições dos corpos sociais da CR e 4 membros da nossa equipa mais a Inês e o Duarte e alguns amigos, tomamos conta da CR.

Mas a situação não era brilhante. Com apenas cerca de 100 contos de saldo, tínhamos que pagar no fim do mês ordenados da ordem dos 800 contos mais o subsídio de férias. Arregaçamos as mangas e ... o dinheiro apareceu e nunca até hoje deixámos de pagar os ordenados a tempo e horas. Sentíamos muito perto que os pequenos milagres iam acontecendo à medida das necessidades. E isso entusiasmos-nos e motivou-nos para a luta. E a luta foi dura. Convencer as autoridades de que o nosso projecto era honesto foi fácil. As pessoas que respondiam pelo projecto eram credíveis. Reconhecer que reunia as condições para ser reconhecida como IPSS também foi fácil. Já celebrar o acordo de cooperação com a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa foi impossível. Aí funcionou o Instituto da Segurança Social e o acordo foi celebrado dois anos depois. Alguns problemas, um a um, também se foram resolvendo. Outros nem por isso. E o projecto foi-se desenvolvendo.

Uns saíram, outros entraram, mas a base da nossa Equipa de Casais de Equipas de Nossa Senhora manteve-se. A solidariedade à nossa volta era grande... mas não suficiente. E isto durou nove anos até à noite de 11 de Julho último. De madrugada somos confrontados com um incêndio no piso superior do edifício onde se encontrava instalada a CR. Três indivíduos introduzem-se no edifício e enquanto se drogavam pegaram fogo ao último piso. E sentimos que o trabalho de 9 anos tinha sido fortemente mutilado.

Deitamos novamente mãos à obra e com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa, aqueles rapazes, agora em número de 28, não ficaram sem tecto e temos a certeza de que vamos conseguir recuperar tudo que já fizemos.

Todo este problema foi muito vivido pela nossa equipa e pelas suas famílias.

Foi assim que eu e a Mina decidimos propor à Gazeta d'Orey que nos deixassem contar esta nossa história de solidariedade por vários motivos:

1<sup>a</sup> Porque queremos dar a conhecer um projecto de solidariedade cristã que nasce no seio das EJNS e é assumido em conjunto com uma ENS e já conhecido como um projecto de Igreja.

2<sup>a</sup> Por ser um projecto que envolve e congrega famílias.

3<sup>a</sup> Porque nos lembrámos que poderiam existir membros da nossa grande família que quisessem alimentar este projecto, não só fazendo-se sócios da Casa dos Rapazes com uma quota mínima de € 5 mensais que pode ser paga anualmente para facilitar e/ou colaborando com pequenas disponibilidades de tempo (os da zona de Lisboa) a favor desta crianças ou das suas famílias.

4<sup>a</sup> Porque seria engraçado que existissem outros núcleos da nossa grande família, seguindo o nosso trilho, quisessem também "tomar conta" da instituição de forma rotativa. Seria certamente mais ligeiro para todos e a obra lucraría com isso.

Para tal e para quem queira saber mais esclarecimentos ou colaborar da forma que entender, ficam os meus contactos para concretizar ajudas e prestar o esclarecimentos que necessitarem.

Rui d'Orey Soares Franco

Telefone: 21 397 57 83; 93 965 33 79 ou 91 220 72 95

Neste momento estamos instalados numa instalações provisórias, sem muitas condições na Av. João Paulo II, lote 554, r/c - Bairro do Condado - Chelas -1900-705 LISBOA onde nos podem visitar.

Acho que de pequenas ajudas pode nascer uma obra que, à sua dimensão, irá ajudar crianças a ter um futuro mais risonho.

Em 2005/06 ouve 11 crianças que regressaram às suas famílias biológicas porque conseguimos reestruturá-las.

Ver um vendedor numa grande loja de Lisboa e reconhecer nele um dos "miúdos" que saiu da CR, é gratificante e confirma-nos que se acreditarmos, podemos conseguir porque a nossa Fé move montanhas.

Bem hajam pelo vosso acolhimento e se puderem... alimentem também esta ideia!

Mina e Rui





## A OREY ANTUNES FEZ 120 ANOS

### Discurso comemorativos dos 120 anos da Orey

Boa noite!

Boa noite a todos os que quiseram estar connosco neste dia de festa que tanto significado tem para esta empresa e para a nossa família. Queria agradecer especialmente a presença dos Duques de Bragança dos nossos accionistas e de todos aqueles que se deslocaram de tão longe para poderem hoje, connosco, celebrar este dia.

Agradeço, do fundo do coração a presença, tão expressiva, dos trabalhadores da Orey e neles extendo a minha gratidão a todos os que connosco trabalharam nos últimos 120 anos.

Esta festa é da empresa. É nossa. Celebra o esforço, o talento e a lealdade com que, há tantos anos, se entregam ao serviço da Orey. O seu testemunho foi confortante e inspirador nos momentos mais difíceis da nossa história. Multiplicam-se os casos que me chegam pela memória do meu Pai, dos Tios e Avós.

Devo ainda uma palavra de agradecimento aos nossos parceiros de tantos desafios empresariais sem os quais teria sido difícil contar esta história de 120 anos. A Orey tem no seu código genético a vocação e a capacidade de estabelecer parcerias sólidas, dentro e fora do País, por muitos anos.

Uma palavra especial ao Banco Espírito Santo, que há mais de um século nos acompanha em múltiplas operações, sempre com base na solidez da palavra que as duas famílias se habituaram a honrar. Também hoje aqui não só estão bem representados como também quiseram dar o seu apoio a esta festa.

Agradeço também aos nossos simpáticos concorrentes que tanto nos estimulam na corrida a cada oportunidade de negócio. Com amizade, e com fair play, acompanharam-nos na construção de um País mais próspero e solidário.

Por último, à minha família que sempre soube estar presente e unida, nos momentos mais difíceis e nos dias de festa, como hoje. De facto, os valores que a Orey pratica, dia a dia, nos últimos 120 anos foi em casa que nasceram. Trabalho, confiança, palavra, união e inovação referidas no filme não são apenas palavras, são valores vividos por cada geração desta família a que tenho a honra, a alegria e também a responsabilidade de pertencer.

Em verdade, tudo o que herdamos e temos nunca chega a ser verdadeiramente nosso, pertence às gerações que se seguem. Assim consigamos cuidar e passar o que nos chegou por virtude dos que nos antecederam. No fundo é simples, trata-se de perpetuar o essencial, somando-lhe esforço e criatividade a cada momento, com a Graça de Deus.

Uma palavra de reconhecimento e gratidão a quem me antecedeu na presidência do grupo: os avós Rui e Vasco, que não conheci. Os tios José Luís e Bernardo, este último aqui presente, e o meu primo Rui que continua a acompanhar-me na Administração da Orey. Orgulho-me de lhes suceder. É bom ter a quem olhar.

Esperam-nos tempos importantes.

Cumprimos Portugal na sua vocação europeia e Atlântica. Fizemo-nos ao Mar. Como o nosso País ensinou ao Mundo, sabemos navegar a favor e contra o vento. Basta saber o destino e definir a rota, com visão e realismo.

Temos futuro se conhecermos as virtualidades do presente e respeitarmos os valores de sempre. Hoje festejamos 120 anos de história. Trabalhamos para que outros tenham motivos e alegria para fazerem o mesmo dentro de 120 anos. Mais uma vez é simples, basta que perpetuem o essencial!

E como cantar não faz parte do nosso "core business", deixo-vos com a voz de Mariza e seus amigos, nossa primeira escolha quando pensámos em festejar este dia. Também ela soube recriar o futuro da tradição, com excelência.

Muito Obrigado!

Duarte Maia de Albuquerque d'Orey

1 de Junho de 2007; Centro Cultural de Belém; Evento celebrativo dos 120 anos da Sociedade Comercial Orey Antunes

## PRIMOS D'OREY EM PARIS

### por Tim-Tim (laranja)

Finalmente conheci o primo Bernardo de Albuquerque d' Orey (castanho), o que fazia aquelas indas borboletas e vive num "peniche" (barco) no Sena. Como eu ia a Paris, agendei logo o contacto com ele, pois estava interessadíssima em conhecê-lo e meter o nariz no apartamento flutuante. Lembro-me do Bernardo e o Gil (gémeos), na Quinta de Nossa Senhora do Loreto em Coimbra (pertença do avô paterno Gil) ainda eles eram bebés. Depois acompanhei à distância o percurso da família, e talvez nos tenhamos encontrado na festa da Estufa Fria....mas eramos tantos!

O acolhimento que o Bernardo e a Taya, sua mulher, me fizeram foi o mais caloroso e querido possível e o serão que passei com eles foi maravilhoso. O barco é lindo e está arranjado ao gosto deles. Gosto de artistas de bom gosto com móveis antigos, quadros de família e toques personalizados pelos donos da casa (barco).

Fui com uma amiga parisiense que também estava curiosa dever como se vive num barco no Sena e também ela ficou encantada não só com a residência como com os donos da dita. Uns dias depois convidei para almoçar o Bernardo e a Binha (Maria Isabel d'Orey Juzarte Rolo Ramalho Ortigão - amarelo e verde) outra prima que eu não conhecia que é filha da Isabel e que vive presentemente em Paris onde o marido é Embaixador. Foi um almoço simpático e também gostei muito de conhecer esta prima. O Bernardo trabalha agora na Bucheron - Place Vandôme, onde é muito estimado e apreciado e onde tive o prazer e a honra de ser guiada numa visita feita por ele àquela "meca" das jóias. À tarde fomos ver uma exposição de Laliqum em que 40% dos objectos expostos eram da colecção Gulbenkian. Obrigada à Binha, à Taya e ao Bernardo pelos bons momentos que passei em Paris com eles.

## FAMÍLIA E UM MILAGRE...PORQUE NÃO?

### por Duarte de Mello d'Orey (amarelo e verde)

O que significa a palavra "Família"?

Você tem consciência de que se morrêssemos amanhã, a empresa onde trabalhamos iria nos substituir rapidamente?

Mas a família que deixamos para trás sentirá a nossa falta para o resto das suas vidas.

Pensando nisso, já que perdemos mais tempo com o trabalho do que com a família, parece um investimento muito pouco sensato, não acha? Afinal, qual a moral da história?

Você sabe o que significa a palavra Família em inglês?

FAMILY = (F) ATHER (A)ND (M)OTHER (I) (L)OVE (Y)OU

Dizem que se passarmos esta mensagem acontece um milagre.

Eu achei esta mensagem muito bonita, curta e depois quem é que não precisa de um milagre

Se acontecer, aproveita!

## UM NOTÁRIO NA FAMÍLIA

### por Rui Soares Franco (amarelo e laranja)

Temos um sobrinho nosso que abriu recentemente m escritório de Notário da Av. Fontes Pereira de Melo. É o Frederico Soares Franco filho do meu irmão Toni. Também pode dar jeito à família saber destas coisas.

Aqui fica a informação para a utilizarem como entenderem.

**Frederico Soares Franco**

**Av. Fontes Pereira de Melo, 21 - 3º 1050-116 Lisboa**

**Telf: 21 312 14 80/1/2 - Fax: 21 312 14 89**

**e.mail: geral@fsfnotario.com**

## QUEM QUER TRABALHAR CONNOSCO?

por Rui Soares Franco (amarelo e laranja)

A Mina e eu temos um Gabinete de Tradutores e Interpretes que se chama muito simplesmente **Soares Franco - Gabinete de Tradutores e Interpretes, Lda**.

Esta micro empresa faz traduções técnicas e interpretações de e para todas as linguas da comunidade e também para algumas linguas menos usuais tais como Chinês, Japonês, Latim, Árabe etc.

Lembrámo-nos que poderão haver membros da família com cursos de tradução e/ou interpretação que eventualmente se queiram candidatar a colaborar connosco em regime de free-lance. Embora seja um trabalho com um fluxo muito variável, muitas vezes temos dificuldade de arranjar colaboradores para os trabalhos que temos e em vez de dar trabalho a outros porque não à família?

Também poderá haver empresas na família que precisem de traduções técnicas ou certificadas que poderão recorrer à nossa empresa. Não se poderá por qualquer coisa destas na Gazeta?

Quanto ao nosso Gabinete ficam também as nossas coordenadas.

Quem normalmente está lá é a Mina cujo nome próprio é M<sup>a</sup> Benedita da Camara de Siqueira de Carvalho Soares Franco

Rua João Penha, 10 - 1250-131 LISBOA

Telf: 21 384 11 20 - Fax: 21 386 92 85 - Telm: 93 89 69 130

e.mail: geral@soaresfranco.pt site: soaresfranco.pt

## EXPOSIÇÃO DE PINTURA EM CASCAIS

de Vasco Bobone (verde)

O Presidente da Câmara de Cascais, António d'Orey Capucho (encarnado) convidou para a exposição dos lindíssimos barcos do Vasco d'Orey Bobone (verde) e quem os apresentou foi o Filipe d'Orey Vieira da Rocha (amarelo). Ora para uma exposição de pintura tínhamos d'Oreys de quase todas as cores, pois encontramos lá mais alguns! Mas, "não só de d'Oreys vive o homem"...mas também de mutíssimas outras coisas e de entre elas a beleza das pinturas do Vasco. Parabéns!



## A CONTAVA A TIA ULRIKA

por José Luiz de Albuquerque d'Orey (amarelo e verde)

Havia em Lisboa, um senhor Mouzinho que ia muito a casa da Trisavó e que os tratava por primos. Perante a insistência da Trisavó que não gostava nada desse tratamento, as filhas diziam:

- Ó Mãe, mas ele é um santo!

A resposta não tardou.

- Eu aos Santos rezo mas não lhes chamo primos.

Dizia ainda o Trisavó (Luiz da Silva Mouzinho de Albuquerque) aos seus. - Eu rezo muito menos que vocês, mas rezo com muita atenção o Padre Nosso, e medito muito na última frase. "Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido." Ele tinha realmente muitos opositores políticos como é sabido.

## CONTADO PELA TIA BLU

por José Luiz de Albuquerque d'Orey (amarelo e verde)

Já agora conto duas histórias referentes aos nossos trisavós, Ana Mascarenhas de Ataíde e Luiz da Silva Mouzinho de Albuquerque. A nossa Trisavó era muito ciosa dos seus apelidos, e o Trisavó era muito inteligente. Havia em Leiria um senhor que gostava muito de chamar primo ao Trisavó e um dia a Trisavó, que não gostava nada disso, disse ao marido para desfazer essa ideia dizendo ao simpático senhor que não eram parentes. O Trisavó respondeu: - "Ó Anica, deixa lá o homem tratar-nos por primos, porque se ele pensa que nos honra é de se lhe agradecer. Se ele se sente muito honrado, mais razão temos para lhe ficar agradecidos."

